

A agonia da aliança eleitoral de esquerda contra a reeleição

Pablo Pereira
de São Paulo

Alvejada em pleno vôo pelo tiro certo da militância petista fluminense, no último domingo, aliança de partidos de esquerda para enfrentar o presidente Fernando Henrique Cardoso em outubro vai agonizar ainda por mais dez dias. Depois de quase cinco horas de reunião num hotel de Brasília, os principais líderes políticos que tentavam a frente eleitoral de apoio à candidatura de Luis Inácio Lula da Silva (PT) para presidente, com Leonel Brizola (PDT) para vice, jogaram para a direção nacional petista o encargo de salvar a coligação no encontro do partido, dias 8 e 9.

Caso o PT não consiga reverter a decisão regional do Rio de lançar Vladimir Palmeira como candidato próprio ao governo do Rio, Leonel Brizola, presidente de honra do PDT, está decidido a ser

ele mesmo o candidato à Presidência da República. Na avaliação dos petistas, Lula não tem mais condições políticas de disputar com Fernando Henrique Cardoso. No encontro, Brizola pressionou para que a direção petista use de mão de ferro no diretório fluminense. Mas os petistas negam-se a fazê-lo.

Depois da reunião, que durou toda a tarde e contou com o governador pernambucano Miguel Arraes (PSB), o presidente nacional do PT, José Dirceu, Lula, Brizola, além de representantes do PC do B, a justificativa oficial — de Brizola e Dirceu — era a de que os petistas ainda tentariam consertar o estrago feito no Rio. Mas o clima era mesmo o de que a partir de agora é cada um por si. Acordo nacional, só se houver segundo turno.

Diante da crise entre os quase ex-aliados, surgem nos Estados os primeiros sintomas de que o quadro sucessório no âmbito da minoria encaminha-se para uma mudança. O impasse ameaça coligações em pelo menos cinco dos 14 Estados nos quais PDT e PT esperavam concorrer juntos. Ontem, o encontro da executiva estadual do PDT do Rio Grande do Sul manifestou tendência favorável à indicação da senadora Emília Fernandes para a sucessão estadual.

O lançamento deverá ser oficializado segunda-feira em reunião do diretório estadual, que terá o quórum ampliado com prefeitos, vereadores e coordenadores do PDT. "Sempre deixamos claro que faríamos um sacri-

fício aqui para retribuir o apoio no Rio", afirmou o presidente do PDT gaúcho, Sereno Chaise, observando que a posição adotada pelo PT do Rio libera o

PDT de seu compromisso inicial. Ainda há dúvidas em relação ao nome para o Senado.

No Rio, depois de toda a repercussão negativa que a decisão do PT fluminense, o deputado Vladimir Palmeira, preferiu resguardar-se para tratar de uma gastroenterite. Segundo o secretário-geral de Comunicação do diretório estadual, Antonio de Neiva, que conversou com Palmeira à tarde, o deputado disse que não se sentia surpreso com a reação dos membros do partido. De acordo com Neiva, Palmeira vê como exagerado esse comportamento. "Quando o Dirceu esfriar a cabeça, essa reação passa", teria comentado Palmeira. "Ele não acredita em intervenção", disse Neiva.

Colaboraram Angela Caporal, de Porto Alegre, e Leonardo Souza, do Rio)

Crise ameaça coligações em pelo menos cinco dos 14 Estados nos quais PDT e PT esperavam concorrer juntos